

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 10 DE JULHO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 80.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

A' PRODIGIOSA E SUBLIME ACTRIZ

SARAH BERNHARDT

HOMENAGEM D'« A SEMANA »

SUMMARIO

Sarah Bernhardt.....	A REDACÇÃO.
Au génie! poesia.....	V. MAGALHÃES.
Fédora, soneto.....	O. BILAC.
Comprehensão dramatica portugueza.....	V. M. E F. A.
R. F. Leopoldina.....	F. DE ALMEIDA.
Crepusculos.....	A. DE SOUZA.
Theatros.....	P. TALMA.
Iluminação interior, so- neto.....	L. DELFINO.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Eduardo Coimbra, soneto	J. DE ARAUJO.
Correio litterario.....	L. DE MENDONÇA.
A vingança da porta, so- neto.....	A. DE OLIVEIRA.
Aqui, ali, acolá.....	PASSEPARTOUT.
Factos e Noticias.....	BIBIANO.
Cofre das graças.....	K. LIGULA.
Tratos á bola.....	
Annuncios.....	

SARAH BERNHARDT

Rio, 9 de Julho

E' hoje a festa de Sarah Bernhardt. Sentimo-nos tristes ao escrever estas palavras... Digamos porque. Porque nós, a grande cidade do Rio de Janeiro, a capital do imperio, uma das primeiras da America, não saberemos prestar á gloriosa e genial artista que nos honron, visitando-nos, não saberemos prestar-lhe hoje, a noite de sua festa artistica, uma homenagem digna do seu altissimo merecimento e dos nossos fóros de povo intelligente e civilisado. Acabamos de receber—com vergonha e dô registramol-o—uma tremenda lição da bella cidade de S. Paulo, que continúa a honrar as suas tradições de cidade dos academicos. Se não fóra esse doloroso mas merecido ensinamento talvez que Sarah Bernhardt não tivesse hoje mais de meia duzia de bouquets... Seja como for, *A Semana* que desde o principio, se curvou assombrada ante o seu prodigioso talento, coopera, na estreita medida de suas forças, para o cetro de applausos, para a chuva de flores e para a aureola de luzes com que ha de ser hoje saudada a maior figura do theatro francez contemporanea—de dicando-lhe este numero, em que dois poetas brazileiros ousam render-lhe preito na formosa lingua da eminente interprete de Racine, Corneille e Victor Hugo, e offerecendo-lhe como recordação modesta d'*A Semana* um exemplar do seu numero de hoje, impresso em seda.

Perdôe-nos ella a pobreza d'estas homenagens, attendendo á sinceridade dos sentimentos com que lh'as offerece

A REDACÇÃO.

AU GÉNIE!

Il faudrait au soleil l'hommage de l'étoile!
Pour éclairer la route où s'avance le Beau
Il faudrait élever le splendide flambeau
Qui fait voir aux humains la vérité sans voile.

Pour couronne au printemps il faut avoir des fleurs,
Des rayons, des oiseaux, brillant dans la rosée...
Car le soleil, brulant dans sa voûte dorée,
Veut un humble cortège immense de splendeurs,

Et le printemps, le dieu des lilas et des roses,
« La jeunesse de l'an », l'âme des floraisons,
Veut des roses, des lys, des joyeuses chansons,
Enfin, de la gaieté dorant toutes les choses.

Or, le génie est plus encor que le printemps,
Et plus que le soleil: — c'est le vrai Dieu du monde.
Comme une source d'or, éternelle et profonde,
Il coule vers la gloire, en traversant les temps.

Donc, pour te saluer, femme adorée, charmante
Et douce DON SOL, créatrice de l'Art,
Pour couronner de vers ton nom: Sarah Bernhardt,
Il faudrait évoquer la grande lyre absente !...

Rio, 9 de Julho de 1886.

VALENTIM MAGALHÃES.

FÉDORA

À SARAH BERNHARDT

Ange! femme! démon! Au fond de tes prunelles
Gronde et se tord l'enfer comme une mer en feu,
Et le ciel rayonnant sourit tranquille et bleu,
Plein de nuages d'or, plein d'étoiles et d'ailes.

Tour à tour saréssante et blasphème, ta bouche
A le trait du dédain et le trait de l'amour;
Et ta fiévreuse main sait semer, tour à tour,
Le généreux pardon, la vengeance farouche.

Ange! femme! démon! songe de Poe! Ta voix
Chante, pleure, dit—meurs! — et—je t'aime! — à la fois...
Elle a plongé sans peur au fond hideux de l'âme...

Tu sais tous les secrets des abîmes du cœur,
O toi, qui sais mêler, pour montrer ta douleur,
Le cri d'une lionne aux sanglots d'une femme!

Junho, 86.

OLAVO BILAC.

A SEMANA

Por absoluta falta de espaço, inconveniente agravado pela necessidade de tirar parte da nossa edição na noite do beneficio de Sarah Bernhardt, a quem é dedicado este numero, não pudemos inserir hoje a *Historia dos sete dias* e a critica da peça *O Marquez de Villemer*, representada quinta-feira ultima no Recreio Dramatico, além de outras secções do costume.

Esperamos ser-nos-ão relevadas estas involuntarias faltas.

Companhia dramatica portugueza

A redacção d'*A Semana* acaba de sofrer d'esta excellente companhia uma desatenção que a maguou.

Até hoje o nosso despretencioso jornal tem merecido de todas as companhias estrangeiras que nos tem visitado a honra de um convite, pelo menos para a primeira representação de cada peça. A companhia de que é director o Sr. João Rosa, já para a sua estréia só nos enviou um bilhete de orchestra depois de lh'o havermos reclamado por carta, certos de que tinha havido apenas um perdoavel esquecimento. Agora, para a *première do Genro do Sr. Poirier* a empresa resolveu não convidar *A Semana*.

Nada diríamos, e,—por cumprirmos os nossos deveres para com o publico, dando-lhe a critica das peças representadas,—comprariamos sem protesto um logar no theatro, se a companhia houvesse procedido igualmente com todos os jornaes. Mas assim não aconteceu, e é d'esta odiosa exclusão que nos queixamos. Acresce que nenhum motivo demos á companhia portugueza para este inqualificavel procedimento.

Não nos sendo licito acreditar que um brilhante grupo de artistas, dirigido por um cavalheiro de talento e educação esmerada, chegando á capital de um paiz amigo, commettesse a grosseria de desconsiderar a unica folha exclusivamente litteraria que nelle encontrou, folha que lhes foi delicadamente offerecida apenas chegaram, tractámos de procurar um motivo sério que justificasse tal acção.

Não o encontramos.

Na apreciação que escrevemos d'*A Estrangeira*, tractámos delicadamente todos os artistas, fazendo-lhes os merecidos elogios. Sòmente ao Sr. Augusto Rosa, — a quem, aliás, distinguimos ainda mais do que aos outros,—pedimos permissão para lhe corrigir um erro de pronuncia. O Sr. Rosa pronuncia — *maziavellico*; procurámos cortezmente convencel-o de que deveria pronunciar — *makiavellico*, e demos-lhe as razões que nos induziam a pensar assim. Foi este o unico senão que notámos no desempenho da *Estrangeira*.

Poderá ter sido esta insignificante observação a causa do posterior procedimento da companhia para conosco?

Não queremos acreditar-o.

A um homem superior, a um actor de talento como o Sr. A. Rosa nunca podem maguar as observações da critica meditada e honesta, quando formuladas com delicadeza.

Artistas illustrados e educados, como os do theatro D. Maria II de Lisboa, são, pela elevação de espirito que devem ter, obrigados a considerar a litteratura dos paizes que visitam. Ora, *A Semana* é no jornalismo d'esta córte a genuína representante da litteratura brazileira. Esta opinião não vingaria salvar-se da pécha de vaidosa, se fosse nossa; mas não o é. É a opinião de toda a imprensa do paiz, que repetidissimas vezes n'ol-o tem dicto; opinião conquistada e justificada pelos nomes dos nossos collaboradores, nomes dos mais illustres da litteratura nacional.

Sendo assim, de um grupo de artistas que só representa peças finamente litterarias, não pôde a litteratura brasileira soffrer uma desatenção, sem protesto.

Ahi fica pois o nosso, elaborado sem rancor e sem odio, apenas com o sentimento que nos provocou o acto do Sr. João Rosa, responsavel moral e immediato do procedimento da companhia dramatica portugueza.

Os recursos materiaes d'*A Semana* são pequenos, mas não tanto que lhe não permitam comprar um bilhete de cadeira, para cumprir o dever que tem de dar aos seus assignantes noticia circumstanciada das peças representadas no theatro Recreio.

Assim é que neste numero damos a apreciação do *Genro do Sr. Poirier* e no proximo daremos a do *Marquez de Villemer*.

Esta circumstancia nada influirá sobre a nossa critica. Estamos acostumados a absoluta independencia de juizo, pois nunca considerámos como obsequio o offercimento de convites para espectaculos publicos.

Esta independencia continuará a ser escrupulosamente mantida, embora se dê presentemente a circumstancia contraria.

Em todo caso, cumpre-nos agradecer cordialmente a nunca esperada gentileza do Sr. João Rosa.

VALENTIM MAGALHÃES.

FILINTO D'ALMEIDA.

ESTRADA DE FERRO LEOPOLDINA

A parte technica e a lista das pessoas gradadas que foram assistir á inauguração das novas estações d'esta importante estrada de ferro, já são assumptos esgotados pelas folhas diarias.

Cabe á *Semana* tractar da parte pittoresca e impressionista da excursão. Vou

pois, em breves linhas, «a grande velocidade,» tentar descrevel-a.

O trem imperial partio da estação da E. F. D. Pedro II as 6, 50 da manha. As ultimas nevoas matutinas esvalham-se no horisonte e o dia despontava fresco e limpo.

Minutos depois, na plataforma da imperial quinta entraram Suas Magestades Imperiaes e os seus semanarios.

Ao chegar á estação de Belem, parou o comboio, e serviram-nos café e chocolate.

A's 9, 10 chegámos á Barra do Pirahy, de onde partimos cinco minutos depois.

Em seguida foi-nos servido um lauto almoço em um wagon-salão, todo enfeitado de espelhos e flores. Durante o almoço, para commodidade de S.S. M.M. e dos convidados, o trem diminuiu sensivelmente a marcha, o que causou um atraso de quasi meia hora. Depois do almoço, para resarcir o tempo perdido, o trem accelerou a marcha e foi galgando vertiginosamente as distancias, attingindo uma velocidade de 72 kilometros por hora entre Santa Fô e Chiador. Isso é que foi o diabo! Os solavancos dos wagons e a athmosphera densissima de poeira perturbaram-nos desgraçadamente a digestão e houve quem sentisse o conhecido e bem desconceituado enjoo de bordo. Foi um horror! Os jornalistas, que tinham de transmittir os primeiros telegrammas e expedir as primeiras cartas da estação de Entre Rios, viam-se bambos para escrever sobre as pequeninas mezas de bordo. Os lapis saltavam-lhes de quando em quando, e o papel em um minuto ficava todo coberto de pó. Muito sujas deviam essas cartas ter chegado aos seus destinos.

Quem naquelles angustiosos momentos se tornou benemerito da gratidão universal foi o Sr. Dr. Bittencourt, que fornecia tinctura de camomilla e granulos dosimetricos de coassina e cafeina aos excursionistas afflictos. Que o ceu lhe pague em venturas o que elle nos deu liberalmente em drogas.

Foi o Alcides da nausea. Benções celestias para elle, ó familias dos viajores! A mim quem me indicou esta Providencia foi o Sr. Saturnino Gomes, cavalheiro estimabilissimo, director da Sociedade Central de Immuigração. Offereci-lhe o meu bilhete e o meu coração. O bilhete, vi que o aceitou; o coração, não sei ainda.

Chegámos por fim a Porto Novo, á 1/2 hora da tarde. Ahi houve a baldeação para os elegantes wagons da Companhia Leopoldina, que estavam todos catitas, enfeitados de verde e amarello, e alguns atapetados. São uns carros elegantes e confortaveis, com assentos estofados, de palhinha, semelhantes aos da estrada de ferro do Norte. Foi um alivio!

A marcha na via ferrea da Leopoldina, de bitola estreita, foi menos celere e a poeira não chegava a incommodar ninguém. Apesar de estarmos todos, pelo menos, fatigados, podémos apreciar a esplendida payzagem que aos nossos olhos se ia desenrolando como um interminavel panorama de theatro. Florestas virgens, grandes mattas, campos enormes, valles e serranias. Aquella zona é quasi toda cultivada. D'ali por deante a viagem tornou-se agradável, iniciaram-se relações, as physionomias perdiam gradualmente o abatimento dos primeiros incommodos, animavam-se as conversações, louvava-se a extrema delicadeza da directoria da Leopoldina, discutiam-se as instituições, confabulava-se sobre politica, sobre sciencia, sobre arte. N'um grupo de homens maduros abordava-se a questão da abo-

lição dos escravos. Ouvi — entre indignado e risonho, — um homem de côr sufficientemente escura para dever pugnar em favor da raça escravizada, dizer que « os abolicionistas nem ao menos queriam reconhecer que o escravo é uma propriedade! » Coube-me por sorte dormir no mesmo aposento em que dormiu este homem. Soube mais tarde que era um fazendeiro de Santa Fé, senhor de grande escravatura e millionario. Parece, entretanto, que é homem empreheendedor; ouvi-o dizer que ia estabelecer um engenho central em Santa Fé.

Entre Porto Novo e Rio Branco tem a estrada Leopoldina vinte estações; porém o comboio parou apenas em cinco, sendo que na clava da fazenda do Pantano, pertencente ao Sr. barão de S. Geraldo, estava posta uma meza, onde havia café em profusão, algumas fructas e muitos doces com o sabor característico e delicado dos que são feitos em casa.

Na estação do Recreio vimos a figura interessante e curiosa de um subdelegado primitivo, de largo fitão bicolor, bordado, a tiracollo, ostentando deante do povo pasmado a magestade do seu poder e o prestigio da sua força.

Depois das 4 1/2 da tarde chegámos a Cataguazes. O comboio devia demorar-se ali apenas dois minutos, mas o Sr. Cabral pediu ao Imperador que fosse assistir á benção do seu engenho central, pedido a que o Imperador accedeu, e isto atrazou-nos em cerca de vinte minutos. Também, os que entraram no bonito estabelecimento do Sr. Cabral, tiveram a ventura de ver uma mineira esplendida, typo genuino da bella provincia, alta, morena, de grandes olhos castanhos, faces rosadas, collo alto, formas suavemente redondas, orelhas pequeninas e rubras. Um encanto! a que sua magestade volveu um olhar profundo e cheio de imperial doçura.

D'ali seguiu o trem em marcha mais accelerada. A's 9 horas da noite começou a apparecer gradualmente aos nossos olhos um maravilhoso espectáculo. Vimos ao longe uma especie de ilha de fogo cambiante, que tomava no espaço todas as *nuanças* do azul e do vermelho; ao meio d'esta ilha phantastica esguichava, como um repuxo de enorme força, uma infinita multidão de foguetes, que estoiravam no ar em lagrymas de toda côr. A' volta d'este portentoso ninho de fogo, o fumo circulava em nimbos prodigiosos, na opacidade dos quaes brilhava internittentemente o vivo clarão de uma bomba. Do alto, um intenso fóco de luz electrica jorrava os seus poderosos raios até ao comboio distante. A' proporção que o trem se aproximava, aquella grande massa ignea e informe ia-se desmanchando em linhas symetricas, o fumo descodensando-se, e accentuando-se o perfil de um grande estabelecimento. Era o Engenho Central do Rio Branco, propriedade de uma sociedade anonyma de que é presidente o Sr. Dr. Mello Barreto, que tambem o é da Companhia Leopoldina.

É curioso e digno de ver-se este importantissimo estabelecimento. Ha nelle um systema completo dos mais complicados e modernos machinismos destinados ao fabrico rapido do assucar e um interessantissimo triplice apparelho de distillação. A canna é con luzida á moenda sobre um longo estrado mecanico de rotação continua, e sob o cylindro compressor jorra uma verdadeira cachoeira de caldo. O Imperador, a sua comitiva, alguns convidados e eu percorremos todo o edificio, vimos todos os machinismos e salvámos o Sr. conde de Aljezur, que ia

ficando comprimido entre um wagon de bagaço de canna e o ante muro da moenda. Bebemos alguns copos de *garapa*, gentilmente offerecidos pelo engenheiro-director, e partimos para a cidade do Rio Branco, a um kilometro de distancia. Era ali que deviamos pernoitar. Chegámos quasi ás dez horas. O povo agglomerava-se na estação e nas ruas adjacentes, em grande massa. Ao apparecerem suas magestades, rompeu o indefectivel hymno nacional e levantaram-se alguns vivas, pouco correspondidos, valha a verdade. Havia um grande aperto, e com dificuldade pudemos atravessar a estação e esgheirar-nos por uma porta lateral, sobre a qual se ostentava um caixão coberto de papel cor de rosa, onde, a letras de clapa, se via o seguinte distico, destacado por uma luz interior:

A. S. S. M. M. E A. A. I. I.

Da estação dividio-se o prestito em dois grupos. Um, composto por suas magestades, comitiva, senadores e directoria da Leopoldina, dirigio se para a casa do Sr. Engenheiro Lynch, chefe do Engenho Central já citado e homem de espirito singularmente empreheendedor. Lá os esperava um opiparo jantar, servido pela importante casa Carceler, do Sr. J. J. Ferreira.

Era naquella casa que suas magestades deviam pernoitar. O salão principal estava adornado com grande luxo e muito bom gosto, assim como os aposentos destinados aos monarchas, onde havia todo o conforto, riqueza e luxo.

O outro grupo, muito mais numeroso, dirigio-se para um espaçoso armazem onde está estabelecido o engenho hydraulico de preparar café, de propriedade do mesmo Sr. Lynch. Uma extensa mesa, elegantemente armada e cheia de flores, alongava-se ao lado direito do pavimento.

Jantámos, como se pôde jantar á meia noite, depois de uma viagem fatigantissima. O *menu* era excellentissimo, mas o que principalmente mereceu a ternura dos convidados foi a qualidade e a variedade dos vinhos. Finos, magnificos.

O Sr. Ferreira conquistou a immortalidade com algumas garrafas de exquisito e delicioso *Sauterne* com que regámos um peixe assado, tão fresco, tão fresco — que ainda nos veio nadando no estomago.

Presidio a esta meza o Sr. Dr. José Arthur de Murinelly, director da companhia, estando tambem presentes — o Sr. Domingos Seára, membro do conselho fiscal, e varios engenheiros da Estrada. Levantaram-se tantos brindes quantos permittia a conveniencia e a hora.

Depois do jantar começou um drama, que poderemos intitular — *A lucta das camaras* — Foi contra-regra d'esta imprudente peça o Sr. Placido Monteiro, gentilissimo empregado da companhia. Felizmente, a habilidade e extrema delicadeza do contra-regra fizeram com que o drama não terminasse em tragedia. O Sr. Placido dividio em turmas os convidados e distribuio-as por varios habitantes da cidade, que se prestaram graciosamente a acoutar os forasteiros. Para casa do Sr. José Calazans, digno escrivão de orphãos do termo, fomos dez pessoas. Dividimo-nos por tres aposentos, um separado e dois junctos. No primeiro ficaram tres jornalistas mineiros, redactores do *Echo da Lavoura* e da *Folha de Minas*; nos outros dous ficamos — eu, o Dr. Dias da Rocha, medico, os engenheiros da estrada de ferro D. Pedro II Aguiar Moreira e Andrade Pinto, commendador Couto Soares, empregado superior do Theouro, o já alludido fazendeiro de

Santa Fé e um outro cavalheiro que não conheço. Eram quasi tres horas da noite quando nos deitámos. A's seis o fazendeiro e o desconhecido seguiram viagem, e os cinco restantes resolvemos ficar no Rio Branco até á volta do trem inaugural, que áquella hora partio para o Piranga e de lá até ao extremo da linha construida, juncto as nascentes do Rio Doce, do qual rio S. M. o Imperador, sequioso, bebeu dois copos d'agua, com grande pasmo dos circunstantes e gaudio dos reporters, que nunca viram um imperador beber tanto.

Os que ficámos resolvemos, como era natural, percorrer a cidade. Depois de tomarmos o café matutino e um copo de leite que a solicitude do amavel dono da casa conseguiu arranjar-nos com muito custo (o que nos pareceu incrivel em Minas), e que nos dividimos fraternalmente por tres amadores, sahimos em companhia do Sr. Calazans, que nos servio de ciceroni.

Na rua foi-nos apresentado o Sr. Capitão Joaquim Pereira de Mello, delegado de policia, que tambem se prestou gentilmente a acompanhar-nos. Graças a estes dois cavalheiros, vimos quasi toda a cidade — e não toda, porque a sua area é muito grande, embora sejam poucas as habitações; disse-nos o Dr. Arthur Moura, melico local, que a sua casa, estando a um kilometro do centro, está ainda dentro da cidade.

Na praça 23 de Setembro, que é a principal, está situada a matriz e pouco acima a casa da camara. Vimos nesta praça uma casa de porta e janella, dentro de cuja sala, ao fundo, estavam pendurados varios arccios. Nos dous humbraes da porta lêmos, pintado a correctas letras de oleo, este letreiro:

ENTRADA
PARA
O VISPORA

Do lado de dentro, debruçado á meia porta, estava o Sr. Dr. Antonio Cesario de Faria Alvim, juiz de direito da comarca, que nos foi apresentado.

Estranhando nós ao delegado de policia aquella publica ostentação do jogo tão perseguido na Côte, disse-nos elle que aquillo era uma boa fonte de renda para a camara municipal. Entroolhámos-nos admirados e risonhos, mas não assombrados: quando resolvemos ficar n'aquellas paragens, resolvemos egualmente não nos assombrar de nada. Proseguimos. D'ali a instantes entramos processionalmente na sala das sessões da camara. Limpinha e pobrinha. Depois, o nosso Virgilio officioso fez-nos descer, novos Dantes, por varios degrãos de uma gemonia pavorosa, ao fundo do edificio em ruinas, onde só por um milagre de equilibrio não fomos precipitados, como os criminosos romanos, até á gehenna do rez do chão, sobre cuja entrada seria licito gravar o celebra lo verso do Florentino:

Lasciate ogni speranza...

Chegámos á cadeia. 15 presos. Um d'elles, rapaz de 18 ou 20 annos, estendeu-me uma carta. Desculpei-lhe a orthographia phantastica porque elle pedia uma esmola. Interrogado, disse estar preso porque lhe imputavam o furto de um cavallo. Demos-lhe algum dinheiro para que elle o distribuisse por todos os companheiros e voltámos á luz: sahimos.

Da cadeia fomos á escola. Victor Hugo desfiaria aqui, a proposito, um rosario de luminosas antitheses; eu não. Prefiro proseguir *terre à terre*. A escola, unica da cidade, é de meninas. Dirige-a a Sra. D. Maria de Medeiros. O termo médio da frequencia é de 20 alumnas,

mas naquella dia, em consequencia dos festejos só compareceram 18. Notámos que as meninas, em geral, tinham boa letra e não eram mal educadas.

Em um livro que nos apresentou a directora escrevemos algumas palavras que todos assignámos, e partimos em direcção da matriz.

(Continúa)

FILINTO D'ALMEIDA.

CREPUSCULOS

*Le crépuscule est triste et doux
comme un adieu.*

F. COPPÉE

Foje o dia. De encontro á columnata
Velha de um templo, agora derruido,
Cravam-se as frechas, tremulas de prata,
Do sol, quasi cahido.

Move a ramagem vivida o bafejo
Do vento fresco que transpoz a serra;
Ouve-se o quebro do espumoso beijo
Do mar, bordando a terra.

Ao pouso vêm, que a noite os agasalha,
Bandos d'aves, o espaço desfazendo;
E vae canção de escravo que trabalha
Pelos ares morrendo...

Mão invisível todo o ambiente cobre
Com um finissimo véu, que empallidece
A' proporção que o occaso do sol encobre
E a terra se entristece.

E' a agonia da luz profunda e triste;
Se brinca um raio em meio d' verdura,
E' a saudade do sol que ainda persiste,
Saudade que não dura!

Assim a vida de illusões formosas
Vae noss'alma doirando cada dia,
E os sorrisos rebentam como rosas
Nos nossos labios—pouso da alegria.

Os nossos corações palpitam, cheios
Do perfume do beijo das venturas,
E ha ciúmes então, vozes, receios
Pela creatura, flor das creaturas,
Anjo ou mulher, que vive nos amando,
Bella, ideal, de affagos nos cobrindo,
Que vimos uma vez rindo e cantando,
Que sempre nos quer ver cantando e rindo.

Assim a vida! mas um dia a sorte,
Deixando-nos a sós ante a procella,
Faz-nos pensar na escuridão da morte;
E eis o nosso céu sem uma estrella,
E o nosso coração triste e sombrio,
Vago, deserto, sem a luz de um sonho,
Geme agoirento como geme o rio,
De rocha, em esconso concavo, medonho!

E tarde, quando do soffrer na calma,
Meditamos no bem d'aquella idade,
Brinca um raio de luz dentro em noss'alma:
E' a saudade, a saudade!...

1886

ALFREDO DE SOUZA

THEATROS

LE MAITRE DE FORGES

A grande Sarah fez uma criação admiravel no papel de Clara de Beaulieu, que aqui pela primeira vez representou, um papel muito mal desenhado em estylo ultra-réles, o mesmo em que é escripta toda a peça, uma das mais de testaveis do moderno theatro francez.

No 5º acto, quando cae ferida pela bala da pistola do duque de Bligny, teve uma queda estupendamente bella, como effeito theatral e verdade. Mais uma fulgentissima estrella para a via lactea gloriosa da sua carreira artistica. Garnier fez o papel de Derblay com muita distincção — mesmo um pouco mais do que era natural — e mereceu applausos geraes na grande scena com Clara, no segundo acto. Os demais artistas (Lacroix e Mlle. Malvau com especialidade), representaram a satisfazer.

RECREIO DRAMATICO

Companhia do Théâtre D. Maria II, de Lisboa

DÓRA (*)

No dia 1 do corrente deu esta companhia a segunda recita de assignatura, com a primeira representação da peça, em 5 actos, de Sardou — Dóra.

O nosso publico já a conhece por haver-a visto desempenhada pelas companhias em que trabalharam Brazão e Paladini e pela da Sra. Tessero. Excusado é, pois, contar-lhe o que ella é. Além de que, faltar-nos-iam, provavelmente, para isso tempo e... paciencia.

Dóra é uma das mais brilhantes e mais artificiosas comedias do inimitavel auctor d'Os Intimos.

As *ficelles*, que não são poucas nem todas finas, são manejadas e entretidas com espantosa habilidade, e movimentam a comedia com tanta subtilidade, tanta graça e tão surpreendentemente, que o espectador o mais ferozmente hostil ao genero sentir-se-á encantado.

O desempenho foi o mais satisfactorio possivel.

As representações d'esta companhia primam sobretudo pela harmonia do conjunto, pela homogeneidade do desempenho.

Na de Dóra — descontada certa indecisão que se notava no travamento dos dialogos, aliás explicavel por ser uma *premiere* e pelas condições perturbadoras do espectáculo em theatro aberto e repleto de mais não poder, — pouco houve a censurar quanto ao *ensemble*. Todos *afinadinhos*; como se diz em gyria de bastidores.

João Rosa, que desempenhava pela primeira vez o papel de Maurillac, fez-o de modo extremamente correcto, dizendo com muito sentimento as scenas mais dramaticas.

Virginia foi uma Dóra muito terna, gentil, encantadora.

Augusto Rosa fez um magnifico Faverolle.

As scenas em que mais se distinguiram esses artistas foram, — entre outras, a da declaração de casamento de Maurillac a Dóra, jogada com muita sinceridade entre João Rosa e Virginia; a da explicação entre Maurillac, Tekli (Baptista Machado) e Faverolle, magnifico trabalho artistico, de admiravel precisão e naturalidade, que foi applaudido

(*) E ta noticia não poude ser publicada em o numero passado por falta de espaço.

N. R.

simo; a grande scena do quarto acto entre Maurillac e Dóra, e a esplendida scena da *ratoeira*, no 5º, entre a condessa Zicka (Carolina Falco) e Faverolle. Aquella artista, que havia feito quasi inaceitavelmente o seu papel foi neste acto merecedora de geraes applausos. Uma das causas de não agradar geralmente a Sra Falco são as suas *toilettes* mirabolantes, de possimo gosto, embora ricas. Augusto Rosa fez com muitissima graça toda essa parte do seu papel. Amelia da Silveira foi uma elegantissima e enfeitante princeza Bareatine.

Antunes foi um barão de Kraft irreprehensivel; Costa um Toupin hilariante. D. Luiza Lopes satisfaz no papel de marquez. Todos os restantes artistas concorreram para o bello exito de Dóra. Antes de terminar, notaremos o abuso que fazem todos esses artistas da luva. No quarto acto a marquez e sua filha, estando em casa, indo jantar, estão de luvas até meio braço. E' pouco natural.

*

« O GENRO DO SR. POIRIER »

A mesma companhia deu-nos terça-feira esta esplendida comedia de Augier e Sandeau. A peça, que é um primor de naturalidade e de graça, foi pela primeira vez representada em Pariz, em 8 de Abril de 1834, no Gymnasio. Aqui já ella tambem tem sido representada, o que nos pôde desculpar, com a falta de espaço, de lhe agora não fazermos a critica.

O desempenho que teve a famosa peça de Augier e Sandeau foi muito bom e, sobretudo, muito igual e afinado; notando-se, ainda mais do que no das outras peças, a agradável harmonia do conjunto.

Sahio-se magnificamente o Sr. João Rosa das difficuldades do papel de Gaston. Este excellente artista, de uma sobriedade que ás vezes parece exagerada, nunca poderá ser accusado de excessos de declamação. Se não possui o mesmo fogo, o mesmo brilhantismo de outros artistas que temos visto do seu genero, a todos excede em correcção no dizer e em justeza no agir. Talvez que o possamos achar um Marquez de Presle um pouco pesado, mas isso, quando fosse um defeito, deveria ser levado á conta da sua natureza physica. A scena do terceiro acto com o sogro, no sofá da esquerda, foi desempenhada magistralmente, de uma maneira superior e notavel. A mesma qualidade principal do Sr. Rosa — a sobriedade, obrigamos, talvez, a ser no papel de Gaston um pouco menos estouvado do que convinha áquelle caracter leviano e frívolo. Devemos dizer que este foi o papel mais cuidadosamente feito pelo Sr. João Rosa no Rio de Janeiro.

Silva Pereira, se não é o ideal dos *Poiriers*, satisfaz inteiramente a nossa platéia, já muito habituada á graça especial d'este artista tão estimado e tão conhecido por ella.

O papel do duque de Montmeyran não offerece ensejo para brilhar o talento do Sr. Augusto Rosa, que o fez, entretanto, com a maior distincção e elegancia, e que o disse correctamente.

O Sr. Costa, artista muito engraçado e discreto, representou com muita naturalidade o papel do velho Verdet.

Virginia fez adoravelmente a boa burguezinha Antonieta, sobresahindo o seu trabalho do quarto acto, na altiva dignidade com que fala ao marido, no grito trahidor que solta, ao vel-o partir para o duello e na maneira por que disse a phrase: — « Agora, vá bater-se. »

Os Srs. Bravo, Ferreira, Sulivan e Valle, em pequenos papeis, fizeram tudo que podiam fazer.

MARION DELORME

Do esplendido drama de Victor Hugo extrahio auctor italiano um insignificante libretto de opera, que o finado compositor Ponchielli emoldurou nas galas esplendentes do seu bello talento.

Criticos *scientificos* e *diletanti* classificam diversamente a importante partitura e degladiam-se com o fim de provar que ella é inferior á *Gioconda*, do mesmo auctor, como se isso entrasse nas ideclinaveis obrigações da critica.

Nós não somos criticos; confessamos rudemente e lealmente que da arte musical não temos conhecimentos sufficientes para uma apreciação valiosa da bella opera de Ponchielli.

Portanto, diremos com toda a franqueza que ella nos agradou muitissimo, que por vezes nos deliciou o ouvido com magnificos trechos, e que lhe achamos uma forte accentuação de grandeza, digna de acompanhar as scenas largas e dramaticas da acção, principalmente no 4º acto. Pareceu-nos pouco italiana a musica da *Marion Delorme*; o que temos ouvido de musica alleman faz-nos acreditar que na sua derradeira obra o maestro de Cremona começava a enveredar pelas margens do Rheno, em busca do seu ideal artistico. Pareceu-nos; como tememos dizer uma barbaridade, nada affirmamos sobre este ponto.

O que, porém, podemos affirmar sem hesitação é que a peça, á vista dos applausos que teve, agradou ao publico. Para uma opera conhecida esses applausos seriam insufficientes para a garantia do successo; mas para uma opera nova, inteiramente desconhecida entre nós, e descontada a habitual reserva e desconfiança do nosso publico, os applausos foram mais que os necessarios para demonstrar o agrado que a sua musica mereceu.

Quanto ao desempenho, é que sentimos estar em desacordo com os nossos collegas: pareceu-nos muito abaixo do valor da peça.

Se a Sra. Medea Mey se pôde mostrar mais artista e mais cantora do que nas outras peças em que tem cantado, ainda assim não conseguiu ter em todos os 4 actos a desejavel afinação. Merece muitos louvores a parte dramatica; ahi sim, a Sra. Medea mostrou-se actriz de recursos e de talento.

Esteve infelicissimo o tenor Figner, que tão bem cantou o *Fausto* e a *Favorita*. O pequeno volume da sua voz não se compadece com a largueza do seu papel na *Marion*. Além d'isso deu-nos um typo detestavel, com um *cavaignac* implicantissimo.

Quem muito nos agradou, tanto no canto como na parte dramatica, foi o barytono Lherie. Deu-nos este excellentissimo artista, sem duvida o primeiro da companhia, um Saverny muito bom de ver-se e de ouvir-se.

Brilhou no pequeno papel de Lelio a gentil *primadonna* Mantelli. Tem uma voz bellissima, potente e sonora, e quanto a afinação é o que se pode desejar. Cantou com muita expressão e graça a sua aria do segundo acto e a canção do terceiro.

Esteve muito bom o Sr. Röveri, e digno de applausos calorosos na aria do terceiro acto.

A orchestra e os coros também cumpriram cuidadosamente os seus deveres.

Hontem cantou-se o *Rigolletto*, de que falaremos no proximo numero.

PHENIX DRAMATICA

Este theatro está destinado a renascer mais vezes das proprias cinzas do que a ave que lhe deu o titulo. Agora é o actor Galvão, rodeado de

um grupo de modestos mas trabalhadores artistas, que está encaminhando para ali um publico que presa muito a bolsa e que quer ver bons espectaculos. Com intervalos relativamente pequenos, vai sempre o Galvão pondo em scena peças novas, sendo a ultima *O Mil trovões*, de Baptista Machado, que tem atrahido enorme concurrencia áquella casa de espectaculos.

Boa *mise-en-scene*, bom desempenho e boa escolha das peças, tudo por pouco dinheiro, não será caso para que o publico vá ali passar em revista um enorme repertorio?

Se querem melhor, só mais caro...

ILLUMINAÇÃO INTERIOR

My love, give me thy lips,

Shakespeare—King Henry V.

Fitas d'ouro bordando o morro e a encosta...
Vestido argenteo que a cinge, e ondula e bolha...
Igneas rosas que o ceu sobre elle esfolha...
E ante isso a alcova, a um claro-escuro exposta.

Tens medo? o amor d'este silencio gosta...
Que suor frio a tua fronte molha...
Encosta a bocca á minha bocca, encosta...
Oh! que o beijo murmure apenas, olha...

Baixo, caricias; ouvem-nos fazel-as;
Põe o d'ado de rosa ao labio, aurora;
Deuses e deos, passae, passae, sem vel-as.

Luz, fica á porta, espera-nos lá fora;
Rolae ao fundo de minh'alma, estrelas,
Onde ella está, onde a festojo agora.

LUIZ DELFINO,

SPORT

Apezar do tempo chuvoso realison o Jockey-Club o seu programma do dia 13 do mez passado, neste ultimo domingo. As corridas em geral estiveram animadas, não obstante a pouca concurrencia que d'esta vez foi bastante sensivel. Os pareos foram regularmente disputados e sahiram vencedores os animaes mais ou menos conhecidos como superiores.

Sentimos profundamente ainda ter de censurar factos que affectem a moralidade d'essas associações seriamente constituidas e que tenham vindo publicamente confirmar a execução d'elles.

A catastrophe visivel que se deu no 6º pareo entre os animaes *Monitor*, *Plutus* e *Flotsam* encheu-nos de grande consternação.

Antes de finalizar o pareo já se sabia perfectamente que alguma cousa succederia durante a corrida e que *Flotsam* não levava ordens de bater *Plutus*, e que portanto *Monitor* dava-lhe a preferencia como vencedor. Mas não esteve pelos autos o joven Gustavo jockey do *Flotsam* que inesperadamente venceu os seus competidores.

Aconselhamos aos proprietarios independentes que se deixem d'essas combinações, que não só lhes são prejudiciaes como tambem ás sociedades que com tantos sacrificios conferem sommas avultadas em premios, estimulando a seriedade e o devido respeito que a ellas deve ser tributado.

Passemos ao resultado dos pareos:

No 1º pareo (1800 metros) sahio vencedora em 128 segundos, facilmente, *Sibylla*. *Aurora* em 3º. *Diva* teve o 2º lugar.

No 2º pareo (1300 metros) correram *Pip*, *Plutão II*, *Flotsam* e *Monitor*. Estes dois ultimos disputaram o pareo muito bem, vencendo *Monitor* apenas por cabeça (com esforço ficticio) em 91 segundos. *Flotsam* teve o 2º, *Plutão* o 3º e *Pip* o 4º.

No 2º pareo (1800 metros) bateram-se *Gaudirole* que teve o 4º, *Fanfaron* o 8º, *Cheapsride* a bagagem e *Scylla* que teve o 2º lugar, fazendo boa corrida, apezar de *Phrynia* ter sabido muito adeantada e vencer a distancia em 120 segundos. *Speciosa* não correu.

O 3º pareo não se effectuou.

No 5º pareo (1300 metros) apenas correram *Aurelia* que teve o 5º lugar, *Aranha* o 6º, *Peralta II* o 4º, *Intima* o 3º, *Nicoasfo* o 2º, porque tambem levou ordens para não ganhar, e *Ivon* o 1º em 100 segundos. *Sartarelle*, *Galana* e *Favorita* não correram.

No 6º pareo (1300 metros) foram á raia *Judia*, *Hippomenes*, *Monitor*, *Plutus* e *Flotsam* que contra a vontade do proprietario ganhou a corrida em 91 segundos e por combinação por elle declarada para não bater *Plutus* animal destinado ao 1º lugar, por arranjo. *Judia* teve o 2º lugar, *Monitor* o 3º e *Hippomenes* o 5º. Enfim, foi um pareo muito triste.

No 7º pareo (2000 metros) venceu facilmente em 135 segundos *Charybdes*. *Plutão* teve o 2º e *Bolivar* o 3º. *Dr. Jenner* continua a desmoralisar o nome do descobridor da vaccina.

No 8º pareo (1600 metros) em 112 segundos venceu *Bayocco* no freio, mas *Druid* tambem veio no freio ao lado de *Bayocco*. Quem não entende, diria: houve *tamandua*! mas o *Bayocco* até hoje tem mostrado ser superior a *Druid*. *Guanaco* teve o 3º. *Bonita* e *Biscaia* não correram.

No dia 6 do corrente esta distincta sociedade reuniu-se em assembléa geral e elegeu para as quatorze vagas de membro de conselho os distinctos socios—Dr. Gaudie Ley com 105 votos; Joaquim Lameiras com 83; Dr. Carlos Sampaio com 92; José Gonçalves com 163; Belmiro Rodrigues com 104; Conde de Herzberg com 100; Erico Pena com 162; Domingos Guimarães com 156; Valentim da Fonseca com 135; Dr. A. Pinheiro com 98; José Joaquim Lobato com 87; Dr. Julio Ottoni com 92; Dr. Santos Titara com 96; Henrique Possolo com 101—e assim ficaram preenchidas todas as vagas. Parabens ao Jockey Club.

Desejamos que entre novamente em prosperidade.

Estão annunciadas para amanhã as corridas do *Derby Club*. O programa é estupendo e realmente digno de ser elogiado.

Deve ser brilhante a corrida do grande premio *Derby Nacional*. Inscreveram-se neste pareo os primeiros e os melhores productos nacionaes!

Desejamos uma enchente real. O Deus Azar os esperará.

L. M. BASTOS

O defeito intellectual mais commum é a falta de juizo. A sociedade, em geral, não ignora só a educação do juizo, mas tambem até essa ignorancia.

FARADAY

EDUARDO COIMBRA (*)

VERSOS ESCRITOS DEPOIS DO ENTERRO DO
MALLOGRADO MOÇO

*Impossivel? Nem sei; mas eu vi-te gelado,
Pallido, inerte, morto, os olhos já sem cór...
Dixias 'inda ha pouco: — E' breve o meu noivado,
Não tarda a vir a Morte, a Noiva, o meu Amor!*

*E chegou finalmente o instante desejado,
Ou temido talvez, meu pobre sonhador...
O luar, commovido e triste e macerado,
Nos ciprestes chorava a sua immensa dôr.*

*Nós dissemos-te adeus! beijámos-te chorando...
Um Christo glacial, os olhos alongando,
Tremia quando ouviu fechar o teu caixão,*

*Ao rythma virginal da simples elegia
Que a uma santa criança, inanimada e fria,
Entoava soluçante o nosso coração.*

JOAQUIM DE ARAUJO

(*) O auctor d'este soneto, em menos de 15 dias, abria com um prologo o livro dos *Dispersos*, de Eduardo Coimbra e fechava, por piedoso encargo da familia, o caixão do moço poeta, morto aos 16 annos de idade!

N. DA R.

Dae-me a «educação» que eu mudarei
a face da Europa em menos de um se-
culo.

LTZ. NBIEI

CORREIO LITTERARIO

« OS CRIMES DE UM MARQUEZ. »

O Sr. João Samuel, de Cataguazes, escreveu em 1834 e publicou este anno, em nitida impressão da typographia Lombaerts & C., um romance de 107 paginas, dividido em duas partes.

Após os titulos, a declaração de que «são reservados os direitos do auctor» e tres dedicatorias, o Sr. João Samuel consigna estas tres linhas á indulgencia do leitor:

« Contando apenas 15 annos, não poderia apresentar ao publico mais do que este meu pequeno e insignificante trabalho. »

Ha aqui, evidentemente, da parte do estreiante, uma falsa idéia preconcebida: que tivesse o dever de apresentar qualquer trabalho ao publico; que o publico tivesse o direito de lhe exigir a apresentação do que quer que fosse.

Publicou a sua historietta porque muito de sua vontade o quiz; tão criança a escreveu porque entendeu que já a podia escrever.

E' certo que Victor Hugo tinha, pouco mais ou menos, essa idade quando se estreou no romance com o *Han d'Islande*; mas não é menos certo que havia qualquer differença entre o menino que assombrou a Chateaubriand e o nosso precoce novellista.

Digamos desde já, para allivio da consciencia, que o sr. João Samuel ainda não está bem corrente na grammatica portugueza; diverte-se um pouco com a syntaxe quando diz, pela bocca de um conde, á pag. 17 do livro: «—Então vá, que eu fico te esperando», ou quando, á pag. 21, obriga um visconde a dizer: «—Foi a casa de Adriano e chamet-the como o senhor disse»; mostra haver passado a velocipede pelo

capitulo da pontuação quando, á pag. 51, escreve d'esta maneira: «Quando o Marquez e seu cumplice chegaram á porta, aquelle tocou a campainha, nem bem tinlia sahido o som quando appareceu um criado, isto prova que pelo barulho que fez a carruagem, ficou admirado porque quasi nunca apparecia alguém lá, o criado chegando olhou para o Marquez».

Como romance, isto é, como observação, como desenvolvimientto logico de factos e de caracteres, como reprodução artistica de scenas da vida humana,—ou, admittido que se quizesse filiar ao genero romantico, como concepção de entidades á feição de sua phantasia, como conjuncto de idealisações mais ou menos estheticas—o livrinho do sr. João Samuel é uma infantilidade de principio a fim.

Os seus personagens, que na pequena novella, se multiplicam a olhos vistos, como se se reproduzissem por scissiparidade, surgen, declara-se-lhes a idade (num encantador estylo de obituario ou de qualificação de testemunhas), dão meia duzia de passos, dizem outras tantas phrases e morrem como moscas.

Na primeira parte, em 32 paginas, morrem oito; na segunda, 64 paginas, morrem mais cinco. E' um morticínio, uma epidemia. Isto não é um romance: é um cemiterio.

Para este funebre resultado contribuem as seguintes causas declaradas: um parto, «uma grande paixão», uma grande orgia com phytica final, um susto, um envenenamento, um duelo, «uma furiosa crise de loucura», uma facada e um tiro de revólver.

Entre as singularidades dos incidentes, ha estas duas, dignas de ficarem collocadas em responsencia: um pae que possui mais de cinco millhões, e que dá ao filho, para um passeio pela Europa, um milhão; um fidalgo, que, em recompensa de serviço importante do seu criado grave e de confiança,—o qual, em acto de lh'o prestar adeantára do seu bolso quinhentos réis,—retribue-lhe tudo com uma nota de dez tostões.

O nome de João Samuel vae para o meu canhenho: não me torna a apanhar este mancebo, ainda que viva muitos outros quize annos e chegue a escrever como Daudet ou Eça de Queiroz.

Valença, 23 de junho de 1836.

LUCIO DE MENDONÇA

Em vez de ser irreligiosa a Sciencia, o desprezo da Sciencia é que é irreligioso.

SPENCER.

A VINGANÇA DA PORTA

*Era um habito antigo que elle tinha:
Entrar dando com a porta nos batentes.
—« Que te fez esta porta? » A mulher vinha
E interrogava. Elle, cerrando os dentes:*

*—« Nada! Traze o jantar. » Mas á noiteinha
Calmava-se. Feliz, os innocentes
Olhos revê da filha, e a cabeceinha
Lhe affaga, a rir, com ambas as mãos trementes.*

*Uma vez, ao tornar á casa, quando
Erguia a aldraba, o coração lhe falia:
—« Entra mais devagar... » Para, hesitando...*

*Nisto nos gonzo: range a velha porta,
Ri-se, escancarava-se... E elle vê na sala
A mulher como douda e a filha morta!*

ALBERTO DE OLIVEIRA

AQUI, ALI, ACOLÁ

As visitas ao Pantheon, por occasião do primeiro anniversario da morte de Victor Hugo, não provocaram nenhum incidente curioso.

O numero de visitantes não subiu a quinze mil. Temia-se uma affluencia muito maior, e, em vista d'isso, foram tomadas precauções especiaes. Foram porem absolutamente inuteis, e o papel da policia limitou-se a moderar de vez em quando o zelo mercantil d'uma multidão de veudithões, que offereciam ruidosamente ao publico lembranças, retratos de Hugo e emblemas commemorativos de toda especie.

Na manhã de sabbado o Sr. e a Sra. Lockroy, acompanhados dos netos do poeta, Georges e Jeanne Hugo, chegaram em primeiro lugar e ficarão cerca de uma hora na crypta funeraria.

Poucas coróas, no maximo umas dez, foram depositas sobre o ataúde nos dois dias de exposição.

Nenhuma d'estas coróas foi levada por delegações. As deputações, cuja vinda fora annunciada, não appareceram.

As diversas homenagens prestadas á memoria do poeta foram todas particulares.

A's cinco horas e meia fecharam-se as portas do Pantheon e as trezentas ou quatrocentas pessoas que ainda estavam presentes nessa occasião retiraram-se tranquillamente.

Já fora notado o mesmo esquecimento e a mesma indifferença para com os tumulos de Thiers e Gambetta, que tiveram uma tão grande popularidade quando vivos.

Les absents ont toujours tort.

A vinte de Agosto próximo completará cem annos o decano dos sabios francezes, o Sr. Chevreul!

Os membros da commissã da «Associação Geral dos Estudantes» lembraram-se, por causa das ferias universitarias, que conviria celebrar o centenario do velho sabio no dia 1 ou 2 de Agosto.

Um busto em bronze do Sr. Chevreul deve ser adquirido por subscrição, e dar-se-á um punch monstro no jardim do Luxemburgo, illuminado a giorno.

Cada estudante deverá apresentar o seu cartão para ser admittido; pagará dois francos á entrada e será portador de um lampeão que servirá para a illuminação do jardim.

Conta-se com uns quinze mil manifestantes.

Eis uma festa que não requer grande organização e que promette ser tão alegre quanto original.

O volapuck tem concorrentes. 1

O *nal-bino*, uma nova lingua inventada por uma liegense, é, parece, simples, facil e harmoniosa.

Se cada um deve crear uma lingua universal, seria mais sensato não aprendermos nenhuma d'ellas e estudarmos unicamente a lingua de nossos paes.

PASSEPARTOUT

FACTOS E NOTICIAS

CONGRESSO GYMNASICO PORTUGUEZ

A directoria d'esta associação offereceu no ultimo sabbado uma bella *soirée* áquelles de seus consocios que mais a têm auxiliado em promover.

realisar as diferentes diversões que têm tido lugar na mesma associação.

O salão principal achava-se elegantemente ornado, e cerca de duzentos pares tomaram parte nas danças, que se prolongaram animadamente até à madrugada do domingo.

Antes do baile foram exhibidos por alguns socios diversos trabalhos de gymnastica e esgrima, seguindo-se-lhes uma profusa ceia, em que foram trocados os mais affectuosos brindes entre a digna directoria, representada pelo seu presidente, Sr. commendador Leite de Carvalho, os socios do club e os representantes da imprensa.

COFRE DAS GRAÇAS

O Sr. barão W. tem um filho *qui fait la noce* sempre que pôde. Um dia, ao entrar em casa ás 3 horas da madrugada, é recebido pelo barão, que lhe diz severamente:

— Então, que hora é esta de se recolher um filho-familias, um moço que se préza?

O rapaz desculpou-se como poudé e recollheu-se ao quarto. Na noite seguinte deu-se o inverso:— O barão recolhia-se ás 4 horas, sen lo recebido pelo filho, que lhe disse com seriedade caricata:

— Então, que hora é esta de se recolher um pae de familia, um ancião que se préza?

O barão encarou o rapaz, mordeu o bigode e por fim disse-lhe:

— E' para veres o que são os máus exemplos. Estás me pando a perder, Joãozinho.

BIBIANO

GAZETILHA LITTERARIA

Está publicada uma segunda edição, refundida e muito augmentada, da *Grammatica Portuguesa* de Julio Ribeiro.

São seus edictores Teixeira & Irmão, de S. Paulo. Foi impressa no Porto e tem 360 paginas.

Mais de espaço nos occuparemos com esta importantissima grammatica, que mereceu de André Lefèvre, Theophilo Braga, conselheiros Viale e Ruy Barbosa as mais lisongeiras palavras de elogio.

O distincto moço Sr. Alfredo de Paiva vaé proximamente fundar em Petropolis um periodico mensal, de caracter litterario, o qual será por elle dirigido sob o titulo—*Gazeta Litteraria*, e que terá a collaboração de muitos dos nossos mais estimados escriptores. Seja bem vinda a futura collega, á qual desde já almejamos vida prospera, longa e honrosa.

V.

TRATOS Á BOLA

Muitos decifradores se apresentaram a disputar o nosso premio, *bom como quê*. Infelizmente, embora quasi todos acertassem, não podemos premiar os esforços de todos, porque ha só um premio, e esse pôde vir recebê-lo o Sr. AVECÊ que foi o primeiro que nos visitou.

Só erraram os Srs. *Elmano Aricvio, Guilhermino França e Laurindo de Souza*.

Eis as decifrações: *Bilontra, Paralelipipedo, Calceta, Duvida, Mulher-Homem*.

Acertaram tambem: *Pepe, D. Josephina B., Nemo de Sapucaia, Honorio Esteves, D. Cacilda da Silveira, D. Gusman Moraes y Tulipano, Palmyra Borba, Zé dos Pasteis, Um charadista da roca, Frinical Vassico, Fausto Junior, Mané Quim e a Exma. Sra. D. Maria E. da Cruz Almada, a distincta auctora da polka José do Egypto*.

Com os *tratos* de Frei Antonio os nossos tratistas eram menos felizes que com a gentil *D. Rhéa-Sylvia*. E' que o frade era mais cruel...

Inserimos em seguida algumas charadas que nos foram gentilmente offerecidas pelo Sr. *K. Ligula*. O primeiro decifrador exacto abiscoitará um premio de arromba.

Eil-as:

Só na China é que se vê—1
Um vestuario exquisito—2
Pois trazendo o cavalleiro
Fica-lhe muito bonito.

Deslisa, á lua, serena,—2
Lembrando uma ave mimosa—2
Não ouves? Pois olha, é pena...
Oh! que musica maviosa!

Parte o meio que verás—1
Como ella logo te aquece—1
Mas se tu fores cantando—1
A primeira te carece...—1

CONCEITO

No verão é p'occupada...
Se é melhor que limonada!

2—2—Na cosinha, na cosinha, na cosinha.

1—1—Sendo ruim, na China, que pena, homem!

1—1—2—Esta virtude é esta flor na terra é mulher.

1—2—No jury, no telhado, no mar.

K. LIGULA.

ANNUNCIOS

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias veneraeas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31. do meio-dia ás 2 horas.

Lindolpho Coimbra—Bacharel em bellas artes: photographo, chímico e oleographo.
Rua de Santo Antonio—Santos.

Dr. Arthur Paolicello.—Medico—Especialidade: partos e molestias do utero. Muszumbinho—Minas.

Augusto Luz.—incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzumbinho—Minas.

F. L. STRONG

CIRURGIÃO DENTISTA

RUA SETE DE SETEMBRO, 51

TELEPHONES

E

CAMPAINHAS ELECTRICAS

Faz-se todo e qualquer trabalho, garantido e por modico preço

RUA DOS GUSMÕES, N. 10—S. PAULO

Joaquim Francisco Lima.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

CLUB OLYMPICO GUANABARENSE

NICTHEROY

29 RUA DE SANTA ROSA 29

As corridas annunciadas para o dia 4, e que não se realizaram em consequencia do máo tempo terão lugar

Domingo, 11 de Julho de 1886

O 1º SECRETARIO, J. DE CASTRO

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA SETIMA CORRIDA A REALIZAR-SE EM 11 DE JULHO DE 1886

A'S 11 3/4 HORAS DA MANHÃ EM PONTO

GRANDE PREMIO DERBY-CLUB

A's 11 3/4—1º pareo—LEMGRUBER—1.450 metros—Poldros e poldras estrangeiros, de 2 annos—
Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 50\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Africana.....	Zaino.....	2 annos	Rio da Prata.	43 kilos	Verde e ouro.....	D. Olga L. da Costa.
2	Frou-Frou.....	Idem.....	2 »	França.....	43 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Camelia.....	Alazão.....	2 »	Idem.....	43 »	Azul e grénat.....	Coud. Santa Cruz.
4	Castiglione.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	45 »	Azul e amarello.....	Idem.
5	Pansy.....	Idem.....	2 »	Rio da Prata.	43 »	Cereja, verde e amarello....	V. M.
6	Diana.....	Alazão.....	2 »	França.....	43 »	Grénat e boné ouro.....	Oscar Machado.
7	Echelon.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	45 »	Grénat e rosa.....	Coudelaria Modesta.

A's 12 e 30 minutos da tarde—2º pareo—SEIS DE MARÇO—1.450 metros—Animaes do paiz até meio sangue, que ainda não tenham ganho no Derby—Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Sartarelle.....	Preto.....	5 annos	Paraná.....	54 kilos	Geranium e ouro.....	J. W.
2	Aurora.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	50 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga
3	Paulicéa.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	50 »	Encarnado, branco e ouro.	Coudelaria Paulista.
4	Araby.....	Alazão.....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
5	Tufão.....	Castanho.....	3 »	Idem.....	49 »	Verde e ouro.....	Andrade.
6	Biscaia.....	Alazão tost... 4 »	4 »	S. Paulo.....	50 »	Azul e amarello.....	Coud. Santa Cruz.
7	Americana.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro.	50 »	Encarnado, branco e preto.	M. L. de Carvalho.
8	Lucifer.....	Vermelho.....	5 »	S. Paulo.....	54 »	Azul e palha.....	J. L. L.
9	Icon.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	52 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
10	Peralta II.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e manchas eucarnadas	Idem.
11	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e amarello....	Coud. Esperança.
12	Pampeiro.....	Castanho.....	3 »	Rio Grande...	49 »	Preto e encarnado.....	Joaquim de A. Silva.

A' 1 1/4 horas—3º pareo—COSMOS—1.609 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—Premios: 800\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 120\$ ao terceiro

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Scylla.....	Castanho.....	3 annos	Inglaterra....	49 kilos	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
2	Charybdes.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul e ouro.....	Idem.
3	Phrynéa.....	Idem.....	4 »	Idem.....	56 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
4	Nandá.....	Idem.....	5 »	Idem.....	56 »	Setim br. e manchas pretas.	M. U. Lemgruber.

A's 2 horas—4º pareo—RIO DE JANEIRO—2.000 metros—Inteiros e eguas de qualquer paiz—
Premios: 1.200\$ ao primeiro 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Speciosa.....	Alazão.....	4 annos	Inglaterra....	50 kilos	Azul e grénat.....	Coud. Internacional.
2	Satan.....	Castanho.....	3 »	França.....	49 »	Grénat e bonet ouro.....	Mario de Souza,
3	Plutão.....	Alazão.....	6 »	Idem.....	54 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Comtesse d'Olonne ...	Idem.....	5 »	Idem.....	54 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança
5	Atalanta.....	Castanho.....	6 »	Inglaterra....	52 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

A's 3 1/2 horas—5º pareo—PROGRESSO—1.609 metros—Animaes do paiz até meio sangue—
Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Guanaco.....	Alazão tost... 7 annos	7 annos	Paraná.....	54 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga
2	Africa.....	Preto.....	8 »	Idem.....	52 »	Encarnado branco e ouro..	Coudelaria Paulista.
3	Druid.....	Tordilho.....	4 »	R. de Janeiro.	56 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Aymoré.....	Castanho.....	6 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Mandarim.....	Rosilho.....	4 »	Idem.....	54 »	Preto branco e encarnado..	Coud. Paraíso.
6	Vampa.....	Zaino.....	4 »	Rio Grande...	52 »	Azul e manchas encarnadas	Idem idem.
7	Bayoco.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
8	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	56 »	Branco e estrellas azues....	Coud. Guanabara,

A's 3 3/4 horas—6º pareo—GRANDE PREMIO DERBY-CLUB—3.200 metros—Inteiros e eguas do paiz—Premios: 5.000\$ ao primeiro, 1.200\$ ao segundo, 600\$ ao terceiro e 300\$ ao quarto.

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Sybilla.....	Zaino.....	4 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Azul, br. enc. e faixa preta.	Coudelaria Cruzeiro.
2	Sylvia II.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	49 »	Idem idem idem.....	Idem idem.
3	Talisman.....	Idem.....	7 »	Idem.....	52 »	Azul, br. encarnado e faixa.	Idem idem.
4	Boreas.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	57 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Pery.....	Idem.....	6 »	Idem.....	52 »	Encarnado, branco e preto.	M. S. Ferreira.

A's 4 horas e 30 minutos—7º pareo—HANDICAP—1.750 metros—Animaes de todos os paizes—
Premios: 800\$ ao primeiro, 250\$ ao segundo e 120\$ ao terceiro

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Victoria.....	Zaino.....	3 annos	Inglaterra....	47 kilos	Vermelho.....	B. B.
2	Cheapside.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	50 »	Encarnado, branco e ouro..	Coud. Paulista.
3	Macaréo.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	48 »	Azul e amarello.....	Coud. Santa Cruz.
4	Coupon.....	Idem.....	3 »	França.....	61 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
5	Boltvar.....	Castanho.....	6 »	Idem.....	58 »	Havana e branco.....	Coudelaria Alliança.
6	Gaudriole.....	Idem.....	3 »	Idem.....	56 »	Azul e ouro.....	Idem.
7	Aspasia.....	Idem.....	4 »	Inglaterra....	60 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
8	Dr. Jenner.....	Zaino.....	3 »	Rio da Prata.	52 »	Granada e bonet ouro.....	Arthur Aguiar.
9	Dignitaire.....	Alazão.....	3 »	França.....	49 »	Preto branco e encarnado..	Coudelaria Paraizo.
10	Fanfaron.....	Idem.....	4 »	Idem.....	54 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes

A's 5 horas—8º pareo—EXCELSIOR—1.450 metros—Poldros e poldras nacionaes de 3 annos—
Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Flotsam.....	Zaino.....	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Vermelho.....	A.
2	Zephiro.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Judia.....	Tordilho neg. 3 »	3 »	Paraná.....	47 »	Azul e amarello.....	Coud. Santa Cruz.
4	Pip.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Azul e branco.....	B. V.
5	Feticceira.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.	47 »	Grénat e rosa.....	Coudelaria Modesta.
6	Oniz.....	Castanho.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.